

A Cigarra e a Formiga

Era uma vez uma formiga que não tinha tempo para mais nada a não ser para trabalhar. Levantava-se mal nascia o sol e, mesmo sem ver as horas, já achava que estava atrasadíssima!

Saltava da cama e punha-se logo a aspirar.

Depois limpava os vidros, esfregava o forno e o fogão, vestia-se e saía para as compras. Regressava com três sacos, ia a sete reuniões, passava no centro comercial.

Ao fim do dia, dava um pulo ao ginásio, ia ao cabeleireiro, fazia o jantar, gritava quatro vezes com os filhos e o marido... e acabava o dia a ressonar no sofá.

Ao lado desta formiga, num burquinho junto ao tronco de uma grande árvore, vivia uma cigarra. A cigarra também trabalhava bastante... mas não tanto como a vizinha.

Não se importava que a casa não estivesse sempre perfeita. Não ficava nervosa só por não ver um episódio da novela. Não achava assim tão grave ser, às vezes, um bocadinho preguiçosa e ter tempo para descansar e pôr em primeiro lugar as coisas realmente importantes.

A formiga, como aliás muitos dos habitantes da floresta, sentiam um grande desprezo por esta cigarra, que cantava e se ria perante os assuntos mais sérios e tinha, para além disso, umas ideias um bocado “esquisitas”. Mas já lá vamos...

A cigarra adorava a natureza: as árvores de todos os tamanhos, as ervas tenrinhas que cresciam debaixo dos seus pés, o sol a passar por entre as folhas, o vento a cantar em coro com os ramos mais altos da floresta.

E, por isso, todos os domingos passava pelas caixas do correio dos vizinhos e depositava lá uns folhetos, que ela própria escrevia, desenhava e que diziam assim:
**SE GOSTA DA FLORESTA EM QUE VIVE,
ADIRA À RECICLAGEM:
SEPARE AS EMBALAGENS, E VERÁ QUE SÃO
SÓ VANTAGENS
TUDO MAIS LIMPO, SEM PIVETES, SEM
LIXEIRAS, SÓ FLORES E FOLHAGEM**

Eram estas ideias que os animais da floresta achavam “esquisitas”. Ridículas até. E por isso continuavam, como há cem anos atrás, a pôr todos os resíduos no mesmo caixote.

Um dia, a formiga e a cigarra encontraram-se junto ao ecoponto.

— O que levas aí? — perguntou curiosa a formiga.

— Embalagens de leite e sumo para serem recicladas — respondeu amavelmente a cigarra. — Queres que te explique como funciona a reciclagem de papel e cartão?

E enquanto depositava no contentor as embalagens que trouxera, começou a explicar à vizinha o que iria acontecer a seguir:

— Daqui as embalagens seguem para um centro de recolha onde é retirado tudo o que não é papel e cartão. Depois vão para as fábricas de papel reciclado, onde são misturadas para fazer objectos novos. Por exemplo, sacos de papel, blocos, jornais, percebes?... Percebes, formiga?

Mas, infelizmente, a formiga não percebeu nada. Quando a cigarra se virou, já a vizinha tinha dado meia volta:

— Que malcriada... deixar-me assim a falar sozinha!

O tempo foi passando, a cigarra continuava a separar, a formiga a refilar que não tinha tempo para nada, e os outros habitantes da floresta a acharem que o ecoponto era um cogumelo gigante muito colorido que por ali tinha nascido...

Até que veio um dia, em que a floresta acordou com um som muito estranho e um cheiro nauseabundo.

Detritos e lixo de toda a forma e tamanho estavam a ser despejados de qualquer maneira no meio da clareira.

— O que é isto? — perguntou a formiga.

— Que horror! — disseram o escaravelho carrancudo, a minhoca do stress, o esquilo, o sapo e todos os outros.

E a cigarra aproveitou a oportunidade para voltar a explicar:

— O lixo está aqui porque não deitámos as embalagens ali! — disse ela apontando para o ecoponto.

A formiga, o escaravelho, a minhoca, o esquilo e o sapo aprenderam a lição. Com o ecoponto sempre cheio, só se ouviam os passarinhos, o som do vento nas árvores, e a voz da cigarra a cantar, muito, muito feliz: ainda bem que os seus vizinhos tinham aprendido como é importante reciclar!

